



A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL A PARTIR DE PUBLICAÇÕES HISTÓRICAS

Larissa Conceição dos Santos¹

RESUMO: O trabalho investigou a evolução da Comunicação organizacional (CO) em uma perspectiva histórica, com o intuito de identificar as publicações que ajudam a retratar as origens desse campo. Para isso, realizou-se uma pesquisa exploratória, apoiada por pesquisa bibliográfica e documental que nos levou a identificação de sete publicações, que compuseram o recorte do estudo, e que tivessem por foco: o estado da arte, panorama da área ou que propusessem uma cronologia da CO. Com essa finalidade, o corpus analítico é composto pelas publicações de Tompkins (1967), de Richetto (1977), de Putnam (1982), de Putnam e Cheney (1983), Putnam e Cheney (1985), de Redding (1985) e de Tompkins e Redding (1988), aqui apreciadas como documentos históricos que ajudam a reconstituir a história e a memória da área de Comunicação organizacional.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação Organizacional, História. Pesquisa. Paradigmas.*

ABSTRACT: The study investigated the evolution of Organizational Communication (CO) in a historical perspective, in order to identify the publications that help to retrace the origins of this field. For this, exploratory research was carried out, supported by bibliographical and documental research that led us to identify seven publications, which made up the study clipping, and that had as focus: the state of the art, panorama of the area or that proposed a CO chronology. For this purpose, the analytical corpus is composed of publications by Tompkins (1967), Richetto (1977), Putnam (1982), Putnam and Cheney (1983), Putnam and Cheney (1985), Redding (1985) and by Tompkins and Redding (1988), here appreciated as historical documents that help to reconstitute the history and memory of the field of Organizational Communication.

KEYWORDS: *Organizational Communication. History; Research. Paradigms.*

¹ Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication (CELSA/ PARIS-SORBONNE). Pesquisadora vinculada ao Centro de Estudos de Comunicação organizacional e Relações Públicas (Cecorp/ECA-USP), ao Laboratoire GRIPIC (CELSA, Paris-Sorbonne) e do Grupo de Pesquisa t3xto (UNIPAMPA). Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1834-5547>. E-mail: larissasantos@unipampa.edu.br

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 14 - Volume 02 - Edição 28 - Julho-Dezembro de 2023

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

1. Introdução

Sem o intuito de uma revisão enciclopédica e tampouco na ambição de uma recuperação histórica global, o estudo consiste em uma análise de documentos e publicações consideradas históricas e representativas da origem dos estudos sobre a Comunicação Organizacional nos Estados Unidos, para muitos considerado o berço da CO.

Diante de um volume amplo de publicações estadunidenses sobre o tema, elegeu-se para o recorte analítico dessa pesquisa as publicações frequentemente citadas e referenciadas pelos expoentes do campo da CO no que tange à sua evolução teórica e disciplinar. Não por acaso, e, devido à tradição estadunidense nessa área, as obras de referência assim como os periódicos concentram-se nos Estados Unidos, tornando-os não apenas produtores e exportadores de conhecimento sobre tal domínio, de maneira quase hegemônica, mas, também, gerando uma indústria editorial (paga) que centraliza as publicações sobre a CO.

As publicações selecionadas neste trabalho são aqui analisadas como objetos históricos, em uma ótica historiográfica, dada a sua importância, legitimidade dentro do campo científico da CO e raridade de acesso, sobretudo ao público não-estadunidense, embora tenham lugar central na história da comunicação organizacional.

Nesse sentido, o trabalho tem por questionamento central “Quais as principais referências para a reconstituição das origens históricas da Comunicação Organizacional?” e, por conseguinte, o objetivo central do trabalho consiste no levantamento de fontes que permitam recuperar e retratar as origens e a evolução da CO, assim como, que possibilitem elaborar uma cronologia histórica desta área.

Com a finalidade de explorar e compreender as origens da Comunicação Organizacional, procedeu-se a uma pesquisa exploratória, apoiada por pesquisa bibliográfica e documental que nos levou a identificação de sete publicações, aqui consideradas para o recorte do estudo com foco em pesquisas abordando o estado da arte, panorama da área ou que propusessem uma cronologia da CO. Nesse interim, foram analisadas as publicações de Tompkins (1967), de Richetto (1977), de Putnam

(1982), de Putnam e Cheney (1983), Putnam e Cheney (1985), de Redding (1985) e de Tompkins e Redding (1988).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho, de natureza exploratória, desenvolve-se a partir de pesquisa bibliográfica e documental com ênfase nas publicações científicas estadunidenses sobre a temática da Comunicação Organizacional a partir dos anos 1900.

Adota-se, para isso, uma abordagem crítica e, embora não de forma sistematizada, inspira-se na historiografia e assume um olhar particular aos artigos, capítulos e documentos identificados para o corpus analítico, aqui tratados como registros históricos que revelam as origens científicas da Comunicação Organizacional.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, identificaram-se fontes primárias e fontes secundárias, que compreendem: artigos publicados em periódicos indexados; capítulos de livros e atas de congressos científicos, que tivessem por foco a revisão, análise, panorama ou cronologia da comunicação organizacional.

Dessa forma, a escolha das publicações de Tompkins (1967), de Richetto (1977), de Putnam (1982), de Putnam e Cheney (1983), Putnam e Cheney (1985), de Redding (1985) e de Tompkins e Redding (1988) atenderam aos critérios supracitados, não apenas por representarem as primeiras publicações de caráter classificatório da área de Comunicação Organizacional, mas também porque contribuíram à evolução do campo ao auxiliarem o levantamento cronológico de pesquisas neste campo.

3. REVISÃO

3.1. Tompkins e a histórica conferência da NASA sobre CO (1967)

Embora muito pouco comentado na história deste campo, a primeira Conferência acadêmica sobre Comunicação Organizacional é realizada na NASA, em 1967, mais especificamente, no *Marshall Center*, local em que Gary Richetto, doutorando da Purdue University realizava sua pesquisa Doutoral sobre CO e onde decide, então, organizar um evento científico totalmente dedicado a essa temática.

O evento, denominado *Conference on Organizational Communication*, realizada entre 8 e 11 de agosto de 1967, reuniu pesquisadores, acadêmicos, profissionais em formação, tal como Richetto, e representantes da NASA, pois, tal como anunciado entre os objetivos do evento, uma conferência como essa buscava colocar o tema da Comunicação Organizacional em foco no *Marshall Center* e promover uma aproximação entre estudiosos e profissionais deste Centro, e, especialmente:

1. Criar uma melhor compreensão da comunicação organizacional entre os especialistas profissionais que representam a Sede e os Centros da NASA, a Comissão de Serviço Civil dos EUA, os principais contratantes da MSFC, os contratantes de suporte local da MSFC e os principais elementos da MSFC.
2. Revisar o estado da arte em comunicação organizacional visto pela comunidade acadêmica, a indústria aeroespacial e governo.
3. Identificar "áreas de interesse comum" entre a MSFC e os contratantes em que uma melhor comunicação poderia levar a um melhor desempenho.
4. Determinar futuras ações de cooperação. (NASA, 1967, p. 5, em livre tradução).

Entre os conferencistas do evento, destacam-se o professor Dr. Phillip K. Tompkins, da Wayne State University, reconhecido investigador da área de Comunicação Organizacional, James R. Douglas, Diretor de Comunicação com empregados da Companhia Boeing, o professor Dr. Thorrel B. Fest, da Colorado University e, naquele momento, Diretor do Centro Nacional de Comunicação, Artes e Ciências, Walter Wiesman, Coordenador de Comunicação Interna da *Marshall Space Flight Center*, da NASA, além de Raymond E. Carter, da University of Kansas.

Figura 1 – Primeira Conferência sobre Comunicação Organizacional



Fonte: NASA Marshall Space Flight Center Huntsville, AL, United States

Nesta ocasião, Phillip Tompkins, então Professor da Wayne State University, apresenta uma conferência denominada “*Organizational communication: A state-of-the-art review*”, considerada por muitos como uma publicação revolucionária, no sentido de apresentar algo inédito até aquele momento, uma verdadeira “revisão do estado da arte da teoria e pesquisa no campo” (Putnam; Krone, 2006, p. xxv, em livre tradução).

Em sua apresentação, Tompkins aborda, entre outros, os canais e fluxos de “comunicação industrial” predominantes naquele período, na comunicação entre “supervisores” e funcionários, além de abordar as relações interpessoais, de liderança e de “comunicação eficiente”.

Após o evento da NASA de 1967, organizado por Richetto, o autor também destaca-se pela publicação da sua pesquisa nos anos posteriores, destacada entre os primeiros textos com foco no estado da arte da Comunicação Organizacional, como veremos a seguir.

3.2. Panorama da Comunicação Organizacional de Gary Richetto (1977)

No trabalho intitulado “*Organizational communication theory and research: an overview*”, publicado nos anais do evento anual da International Communication Association (ICA) em 1977, o então Dr. Gary M. Richetto analisa o desenvolvimento histórica da área de comunicação organizacional, partindo da década de 1920 como o ponto de partida. O texto é retrospectivo e bastante descritivo, Richetto observa a influência dos estudos oriundos das ciências da gestão (*management studies*) na formação do campo da CO, e baseia-se entre outros, nas publicações anteriores de Charles Redding e de Phillip Tompkins.

O autor também faz um balanço do que entende por potencialidades e dificuldade enfrentadas pela área naquele momento (final dos anos 70) e ressalta a necessidade de fortalecimento dos estudos em comunicação organizacional, em especial nos aspectos teóricos e metodológicos, mas também assinala a necessidade de coleta e compartilhamento de dados de pesquisas pelo ICA, para que uma base de dados comuns aos investigadores pudesse ser construída.

Com relação ao acesso e disseminação do trabalho específico de Richetto (1977), por se tratar de apresentação realizada no âmbito de uma conferência da ICA, os anais permaneceram restritos aos associados e, atualmente, o acesso é possibilitado pela editora Taylor & Francis mediante pagamento por visualização ou *download*, outra barreira à difusão de conhecimento e à recuperação de uma importante fonte documental ao estudo histórico da comunicação organizacional.

Figura 2 – Publicação de Gary Richetto sobre a CO em 1977

**ORGANIZATIONAL COMMUNICATION
THEORY AND RESEARCH: AN OVERVIEW**

GARY M. RICHETTO
The Williams Companies

Organizational Communication is a discipline in search of a domain.
—Bernstein, 1976

Bernstein's comment reflects the critical issue confronting our field today. On one hand, it suggests that perhaps a new discipline has indeed begun to emerge from diverse organizational theory and research being pursued by a large number of behavioral and social scientists. (For an appreciation of the diversity of this theory and research, see *Organizational Communication Abstracts, 1974 and 1975*, edited by Falcione and Greenbaum [1975, 1976].)

On the other hand, Bernstein's observation suggests that perhaps we have been so intent on integrating methodologies from these various sources that we have failed to articulate theoretical parameters within which to employ our tools.

Thus, when one views organizational communication in 1976-77, one finds, not surprisingly, far more research than theory. In less academic terms, organizational communication, like the teary-eyed little girl in party dress, appears to be "all dressed up with no place to go."

And yet, there has been an undeniable acceleration of interest and activity in this emerging field by both academics (Downs & Larimer, 1973) and practitioners (Bernstein, 1976). Researchers and practitioners alike seem to suggest that, despite the enormous difficulties in forging coherent, integrated theory and methods for studying communication processes in on-going organizations, the goal should be pursued nonetheless. And, that task becomes increasingly more difficult with the passage of time. Our organizations will never be smaller, less complex, more "manageable" than they are today. Even the giants among them—big business, big government, big university—if temporarily dismantled will likely spawn offspring which, one day, will dwarf even the most overwhelming organ-

izations of 1976. Drucker (1974) provides evidence for this likelihood from the not-too-distant past:

The octopus which so frightened the grandparents of today's Americans, Rockefeller's giant Standard Oil Trust, was split into fourteen parts by the U.S. Supreme Court in 1911. Thirty years later, on the eve of America's entry into World War II, every single one of these fourteen Standard Oil daughters had become at least four times as large as the octopus when the Supreme Court divided it—in employment, in capital, in sales, and in every other aspect. (p. 4)

The need for systemic study of organizational communication processes, then, is not unlike the need for studies aimed at projecting the future in a world of unprecedented change. And, as Bennis (1968) has said of the latter undertaking, "... (it) is as absurd as it is necessary."

HISTORICAL HIGHLIGHTS: THE ROOTS OF ORGANIZATIONAL COMMUNICATION

Since this overview is the first in a series of annual assessments of the field, it seems appropriate to lay at least a brief historical foundation for the study of organizational communication. This treatment will, of necessity, be merely a sketch of some fifty years of communication research in on-going organizations. For more comprehensive historical reviews of the literature, see Redding (1966, 1972), Tompkins (1967), and Pietri (1974).

The 1920s

We trained hard, but it seemed that every time we were beginning to form up into teams we would be reorganized. I was to learn later in life that we tend to meet any new situation by reorganizing; and a wonderful method it can be for creating the illusion of

Fonte: Taylor & Francis Online articles

Em virtude do acesso restrito, observa a circulação limitada de textos fundantes, como o de Richetto, o que dificulta o estudo e a análise bibliográfica e documental e colocam em perspectiva as imensas lacunas existentes aos pesquisadores em Comunicação Organizacional que, em países distantes dos Estados Unidos, provavelmente não tenham permissões ou licenças em suas bibliotecas que permitam a leitura de tais publicações.

3.3. Classificações de Putnam (1982) e de Putnam e Cheney (1983; 1985)

Putnam foi aluna de Charles Redding, considerada uma das expoentes na área de CO e que seguiu a tradição de pesquisa nesse campo, dando continuidade ao legado iniciado por Redding nos Estados Unidos.

Em 1982 Linda Putnam publica um artigo na revista *Western Journal of Communication* intitulado “*Paradigms for organizational communication research: An overview and synthesis*”, no qual aplica o esquema analítico proposto pelos sociólogos Burrell e Morgan (1969) – para o estudo das organizações - a uma análise dos pressupostos básicos que fundamentam a pesquisa sobre a comunicação organizacional.

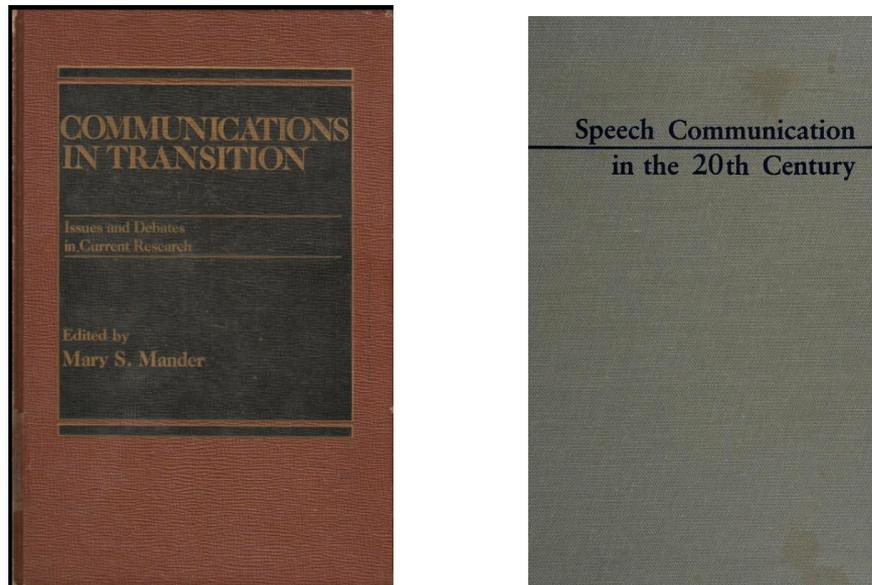
Em seu texto, Putnam (1982, p.192) reafirma a importância dos pressupostos de Kuhn e de Burrell e Morgan, acerca dos paradigmas, e ressalta que “nossas crenças sobre a realidade social sustentam a maneira como teorizamos e operacionalizamos a comunicação organizacional”. O intuito do estudo da autora reside na análise da proposta paradigmática de Burrell e Morgan buscando encontrar correspondências ou correlações que pudessem auxiliar na classificação das pesquisas em Comunicação Organizacional a partir dos pressupostos daqueles sociólogos.

A publicação alcança grande notoriedade, como um dos principais trabalhos teóricos que debruça-se na formação de “paradigmas” da Comunicação organizacional, influenciando outras pesquisas da área, assim como os estudos posteriores que Putnam desenvolve sozinha e com colegas da área, como é o caso de sua colaboração com George Cheney (1983; 1985).

Nas publicações realizadas conjuntamente, Linda Putnam e George Cheney reafirmam o interesse em classificar as pesquisas em comunicação organizacional, buscando, para isso, elementos na história da área e nas diferentes publicações existentes que ajudem a observar características distintivas entre pesquisadores, a fim de enquadrá-las em “categorias”.

Os autores observam e identificam algumas “tradições” de pesquisa, ou seja, tendências entre os trabalhos analisados, que consideram como as “abordagens da comunicação organizacional” identificadas naquele momento como: canais de comunicação, clima de comunicação, análise de rede e comunicação superior-subordinado. Na visão de Putnam e Cheney (1983, p. 213), tais proposições representariam a luta de nossa disciplina para estabelecer os limites da comunicação organizacional”.

Figura 3 – Obras em que aparecem os capítulos de Putnam e Cheney (1983;1985)



Fonte: Consulta em acervo virtual

Destaca-se, ainda, a dificuldade de acesso destes textos, publicados como capítulos em livros internacionais, em língua inglesa, com pouca ou nenhuma circulação no Brasil, o que reforça a importância analítica destas obras como documentos históricos, que guardam a memória do desenvolvimento da área de Comunicação Organizacional, porém, infelizmente, encontra-se restritos geograficamente, dificultando a sua recuperação em amplo acesso.

3.4. Exercício de classificação cronológica proposto por Redding (1985)

Charles Redding, um dos precursores da Comunicação Organizacional e, muitas vezes denominado como “pai da CO nos Estados Unidos”, destaca-se ao apresentar, em 1985, uma proposta de classificação cronológica das fases ou etapas de desenvolvimento da Comunicação Organizacional, centrada, obviamente, em suas observações do cenário estadunidense.

A perspectiva apontada pelo autor, que pode ser encontrada, originalmente, na obra “*Organizational Communication: Traditional themes and new directions*”, editada em 1985 por Robert McPhee e Philipp. K Tompkins, na qual encontra-se o famoso

capítulo de Redding, intitulado “*Stumbling toward identity: The emergence of organizational communication as a field of study*”. Posteriormente, devido ao sucesso e importância da proposta de Redding, o texto volta a ser publicado no Volume 1 na coletânea quase enciclopédica editada pela SAGE Library, inteiramente dedicada à Comunicação Organizacional².

Em seu texto, Redding propõe uma divisão cronológica da história da Comunicação organizacional em 3 importantes períodos: 1) A era da Preparação – meados de 1900 a aproximadamente 1940; 2) A era da identificação e consolidação – meados de 1940 a aproximadamente 1970; 3) A era da maturidade e inovação – desde 1970.

De acordo com Taylor et al (2001), os escritos de Redding nos ajudam a compreender a origem da comunicação organizacional como uma disciplina única e independente, que se desenvolve apenas a partir dos anos 40 e 50 com o avanço de pesquisas e publicações científicas, bem como de programas de pós-graduação dedicados a essa temática. Mas o que pode ser destacado acerca da origem histórica da CO, no trabalho de Redding é que “O campo da comunicação organizacional iniciou-se como uma preocupação prática com o ensino de habilidades de comunicação para pessoas nas organizações” (TAYLOR et. al., 2001, p. 109, em livre tradução).

A obra de Redding torna-se influente entre os estudiosos do campo da Comunicação Organizacional, não apenas nos Estados Unidos, mas também em outros países, sobretudo pela capacidade analítica e propositiva com que o autor conduzia suas investigações, sempre buscando oferecer um panorama atualizado acerca das práticas e das pesquisas em CO.

A seguir analisa-se uma de suas mais interessantes colaborações, a partir do trabalho realizado com o colega e também renomado pesquisador Phillip Tompkins, Redding prossegue a sua proposta cronológica e busca classificar os estudos da área de

² Em 2006 Linda Putnam e Kathleen Krone coordenam uma coletânea pela SAGE Publications que tem por foco a Comunicação Organizacional. Editada em 5 volumes temáticos, que vão da história e das teorias da CO, passando por questões de liderança, estrutura, tecnologia e temáticas como poder e gênero, a edição torna-se uma referência aos estudiosos da Comunicação Organizacional por reunir textos anteriormente publicados em eventos, revistas ou livros e que se tornaram reconhecidos por sua contribuição à constituição do campo da CO internacionalmente.

comunicação organizacional a partir das características que ambos observam a partir da análise das primeiras décadas de publicações sobre essa temática.

3.5. Balanço e evolução histórica até 1980 de Tompkins e Redding (1988)

A partir de uma revisão teórica, Redding e Tompkins trazem à tona os antecedentes históricos da disciplina e destacam que a CO, em suas origens, era notadamente pragmática, orientada a princípios instrumentais e com importante influência em aspectos retóricos. A partir dessas observações, e com base no cenário estadunidense, os autores sugerem que o campo acadêmico das Comunicação Organizacional tem suas raízes conceituais em três fontes principais: a) Teoria retórica tradicional; b) Modelos de relações humanas; c) Versões anteriores das teorias de gestão organizacional.

A partir de tais elementos e, baseados na classificação cronológica já apresentada alguns anos antes por Charles Redding, em seu artigo *Stumbling toward identity: The emergence of organizational communication as a field of study* (1985), os autores propõem olhar, ao mesmo tempo, para os aspectos históricos, relacionados à evolução do campo, mas não apenas à cronologia das fases que a demarcam, mas, também, para as orientações teóricas predominantes em cada período, de forma a compreender como se constitui a pesquisa e a teoria em Comunicação Organizacional ao longo dos anos, em seus momentos-chave.

No que se refere aos aspectos históricos e cronológicos, relacionados à evolução da Comunicação Organizacional, Redding e Tompkins (1988) retomam a proposição classificatório de Redding (1985), e sugerem três fases que poderiam descrever o avanço da disciplina de Comunicação Organizacional: Fase 1 – A Formulação Prescritiva; Fase 2 – A Prescrição Empírica; Fase 3 – A Aplicação Científica (ciência aplicada).

Essas são apenas algumas das contribuições apresentadas no trabalho de Redding e Tompkins de 1988, demonstrando que naquela época a pesquisa em Comunicação organizacional entrava em uma era de profusão, assim como de diálogo e colaboração entre os autores, que, a exemplo de Phillip Tompkins e Charles Redding, já

vinham publicando e investigando o estado da arte desta área, mas agora somam esforços para apresentar uma perspectiva ampliada em suas visões sobre o futuro da Comunicação organizacional.

4. REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES ANALÍTICAS

Entre os principais achados e que figuram como fatos-chave na história da CO, destaca-se a realização da primeira Conferência sobre Comunicação Organizacional, realizada na NASA, em 1967, mais especificamente, no *Marshall Center*, à ocasião desse evento, Philipp Tompkins publica um pioneiro “estado da arte” da Comunicação Organizacional, que, embora tivesse foco nas publicações norte-americanas, situa-se entre os primeiros registros históricos e trabalhos de revisão daqueles princípios de formação da área de CO.

Seguem-se a ele a publicação de uma visão geral das teorias e pesquisas em CO, em 1977, por Gary Richetto, doutorando responsável pela organização da Conferência da NASA sobre CO e que realizava sua pesquisa, à época, no *Marshall Center*. Posteriormente, chama a atenção reflexão sobre os paradigmas da Comunicação Organizacional, realizada por Linda Putnam e publicada em 1982, em que problematiza e instaura um marco teórico para a classificação paradigmática das pesquisas em CO e, sem seguida, com seu colega George Cheney escreve ainda sobre as tradições nos estudos de CO, em trabalho publicado em 1983.

Conforme ponderam Putnam e Krone (2006), o artigo de Redding (1985) e o capítulo de Putnam e Cheney (1985)

contam a história do campo, rastreiam essas lutas e identificam os principais tópicos de estudo. Um período crítico de formação de identidade resultou da dificuldade em adotar um nome ou rótulo para o campo. Uma preocupação com o desenvolvimento de habilidades orais e escritas no local de trabalho e um desejo de ajudar os gerentes a melhorar o compartilhamento de informações moldaram as primeiras agendas no campo (Putnam; Krone, 2006, p.xxv, em livre tradução).

Finalmente, as publicações de Redding em 1985 e de Redding e Tompkins, em 1988, propõem uma revisão e um olhar histórico para a Comunicação Organizacional

como campo de estudo então em consolidação, além de apresentarem um registro das primeiras décadas de pesquisa em CO nos Estados Unidos e estabelecer uma demarcação, daquilo que os autores estabelecem como as primeiras “fases” de estudo da comunicação nas organizações naquele país (REDDING; TOMPKINS, 1988).

Cabe destacar, ainda, que o recorte analítico realizado nesta pesquisa, embora vise destacar as publicações históricas que contribuem à recomposição das origens da Comunicação Organizacional, não esgotou as possibilidades documentais que poderiam ser analisadas. A escolha dos sete documentos – publicações – aqui analisadas, teve como critério o “acesso” às publicações, porém é importante ressaltar que existem muitos textos fundantes, publicados entre as décadas de 50, 60 e 70, explorados e descritos por Putnam (1982) Putnam e Cheney (1983; 1985) e por Redding e Tompkins (1988) cujo acesso permanece restrito às bibliotecas locais, em outros países, ou mediante aquisição de livros e artigos em plataformas pagas.

Dessa forma, entre as dificuldades enfrentadas diante de uma pesquisa de cunho histórico ou historiográfico, encontram-se as limitações de acesso – obras impressas e restritas às bibliotecas ou acervos limitados -; financeiras – cobrança de taxas para visualização ou *download* de publicações – e linguísticas – textos em língua estrangeira, podem tornar-se barreiras aos leitores sem o domínio ou proficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a emergência do campo científico da comunicação organizacional, em meados dos anos 50, diferentes pesquisadoras e pesquisadores têm se dedicado ao levantamento e classificação dos estudos relacionadas à área, com destaque, especialmente, ao grande volume de publicações concentradas – até a atualidade - nos Estados Unidos.

O panorama exposto pelos autores aqui analisados ilustra os primeiros avanços de uma disciplina, anteriormente restrita à chamada “comunicação industrial”, e que evolui ao desenvolvimento de um campo científico notável, além de ressaltar como essa trajetória passa pela dedicação acadêmica, desenvolvimento de pesquisas

fundamentadas e que partilham em comum o objeto central: o fenômeno da comunicação nas organizações.

Parece difícil precisar em que momento cada etapa na cronologia evolutiva da Comunicação Organizacional inicia ou finaliza. Assim como, aceitar que certas pesquisas, em uma dada época passada ou mesmo na atualidade, limitem-se a abordar apenas alguns aspectos claramente circunscritos a uma ou outra “fase”, conforme proposto por muitos teóricos que têm se dedicado à investigação histórica e à epistemologia da Comunicação Organizacional.

No entanto, espera-se que as pesquisas com ênfase na historiografia da comunicação organizacional possam ganhar relevância, haja vista a contribuição da pesquisa e reflexão histórica para o conhecimento e entendimento acerca das origens, bases e elementos que influenciaram no desenvolvimento deste campo.

Referências

327

NASA – Conference on Organizational Communication. Annals. Disponível em: <https://ntrs.nasa.gov/citations/19750064433>

PUTNAM, Linda L. Paradigms for organizational communication research: An overview and synthesis. *Western Journal of Communication*, 1982, vol. 46, no 2, pp. 192-206.

PUTNAM, Linda L.; CHENEY, George. A critical review of research traditions in organizational communication. In: MANDER, Mary S. (Eds.) *Communication in transition*. New York: Praeger, 1983, pp. 206-224.

PUTNAM, Linda L.; CHENEY, George. Organizational communication: Historical development and future directions. In: BENSON, T. W. (ed.). *Speech communication in the 20th century*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1985, pp. 130-156.

PUTNAM, Linda; KRONE, Kathleen J. Introduction. In: PUTNAM, Linda; KRONE, Kathleen J. (eds.). *Organizational communication: History and theoretical perspectives*. (V.1). Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.

REDDING, W. Charles. Stumbling toward identity: The emergence of organizational communication as a field of study. In: McPHEE, Robert.; TOMPKINS, Philipp. K. *Organizational communication: Traditional themes and new directions*. SAGE Annual Reviews of Communication Research, 1985, pp. 15-54.

REDDING, W. Charles; TOMPKINS, Phillip K. Organizational communication: Past and present tenses. GOLDHABER, Gerald M.; BARNETT, George A. (Eds.) *Handbook of organizational communication*. Norwood: Ablex Pub. Corp., 1988, pp. 5-33.

RICHETTO, Gary M. Organizational Communication Theory and Research: An Overview, *Annals of the International Communication Association*, 1:1, 1977, pp. 331-346, DOI: 10.1080/23808985.1977.11923690

TAYLOR, James R., et al. Organizational communication research: Key moments, central concerns, and future challenges. *Annals of the International Communication Association*, 2001, vol. 24, no 1, p. 99-137.

TOMPKINS, Phillip K. *Organizational communication: A state-of-the-art review*. In: NASA. Marshall Space Flight Center Conf. on Organ. Commun. 1967.